



## ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA ENTRE SEME E UNESCO – PROJETO 914BRZ1006

### CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

Texto de referência

Aula: Relação educador-educando

**Organizadoras das obras de referência:**

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Thatiana Aguiar Freire Silva

**Autores:**

Antenor Magno da Silva Neto

Cynthia Cleusa Pasqua Mayer Tibeau

Dante de Rose Junior

Edison de Jesus Manoel

Igor Armbrust

José Anibal de Azevedo Marques

Meico Fugita

São Paulo

2013



## SUMÁRIO

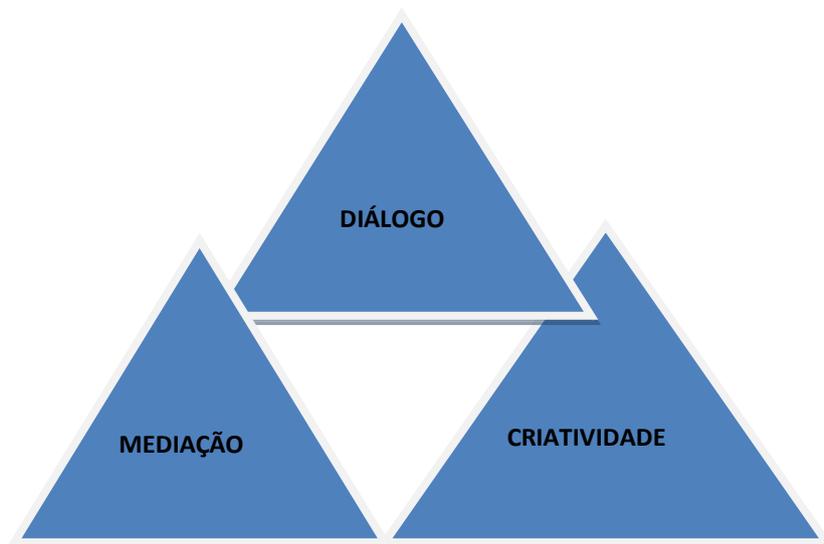
	pág.
1. Quem é esse educador. ....	2
1.1 Saber dialogar: uma comunicação dialógica .....	3
1.2 Ser e agir de forma criativa .....	4
1.3 Mediar, facilitar, contextualizar .....	5
2. O exercício da autoridade.....	6
3. Referências Bibliográficas .....	8

## 1. Quem é esse educador.

Historicamente, a função do educador de esporte sempre foi entendida como ensinar e treinar técnicas das modalidades, organizar estratégias e avaliar os alunos no sentido de promovê-los ou dispensá-los. Os pressupostos metodológicos do Clube Escola e as demandas da sociedade apontam a necessidade de um compromisso profissional e pessoal diferente, no qual educadores entendam o esporte como um conhecimento privilegiado para o desenvolvimento integral de crianças e jovens.

Assumir a responsabilidade e o compromisso de auxiliar na formação de cidadãos requer uma postura diferenciada do educador frente aos seus alunos: sua prática pedagógica deve criar condições para a construção de conhecimentos, para a formação da consciência crítica e do pensar e agir criativos, entendendo que o aluno é um ser histórico e social, que pensa, comunica e transforma o mundo em que vive.

A ideia da construção de uma nova (outra) identidade do educador focaliza-o como sendo um alguém em constante construção, alguém que aprende enquanto ensina. Sua formação docente vai além do diploma da graduação e se caracteriza como um processo que é contínuo e eterno<sup>1</sup>. Esse educador precisa desenvolver competências que possibilitem tornar-se mais criterioso acerca de ações que incentivem e valorizem a participação de todos; deve criar condições para o diálogo; saber mediar; ser criativo e crítico.



Entretanto, o aluno também precisa aprender a reconstruir sua identidade: deve ser um sujeito ativo e consciente de sua aprendizagem, precisa buscar na interação com seu educador uma forma de construção de seu saber, assumir o compromisso de promover sua própria autonomia.

Para que isso aconteça é necessário entender a importância das relações afetivo-sociais que acontecem nas práticas esportivas. Sem querer esgotar o assunto, colocamos em evidência essas três competências essenciais (e que estão inter-relacionadas) para que possamos refletir sobre outra identidade e postura do educador.

### **1.1 Saber dialogar: uma comunicação dialógica**

O valor da interação humana é inquestionável em situações nas quais a construção do conhecimento é evidente: é por meio de um processo interpessoal, da interação educador-aluno e aluno-aluno que ocorre o desenvolvimento em seu sentido mais amplo a tríade indissociável da dimensão cognitiva, sócio-afetiva e motora.

Essa relação educador-aluno é recíproca e não unilateral. De um lado o aluno assimila e constrói conhecimentos, adquire formas de se expressar, sentir e ver o mundo e amplia suas estruturas mentais. O educador também é atingido nessa interação, na medida em que consegue compreender como seu aluno percebe e sente o mundo, quando começa a sondar quais conhecimentos, valores e habilidades são trazidos de seu ambiente familiar<sup>2</sup> e como isso pode contribuir para o desenvolvimento e para sua inserção na sociedade.

Nesse processo de intercâmbio educador-aluno a base fundamental é a *comunicação dialógica*, na qual o diálogo não se reduz a relações de opressão ou a uma simples roda de conversa. A construção de relações dialógicas vai mais além e implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história<sup>3</sup>. As dificuldades e conflitos são resolvidos por argumentos que possibilitam o esclarecimento dos pontos de vista de ambas as partes,

reflexões que se transformam em ações, em novas formas de conhecimento e resolução de situações cotidianas. Para que esse tipo de comunicação se efetive é necessário desconstruir os papéis atribuídos ao educador (autoritário) e ao aluno (mero receptor) e reconstruir novas identidades.

Os espaços nos quais se praticam atividades físicas e esportivas são espaços privilegiados de negociações e de produção de novos sentidos e significados. A arte de perguntar e a arte de ouvir são imprescindíveis para o exercício da criatividade e da criticidade.

## **1.2 Ser e agir de forma criativa**

Começando pelo fim: a formação de alunos criativos pressupõe educadores criativos. Educadores criativos são catalizadores do potencial criativo de seus alunos, pois promovem um clima propício à criatividade<sup>4</sup>.

Isso significa que um educador criativo é aquele que tem como foco o aluno. Para isso, busca diferentes estratégias e cria ambientes favoráveis de aprendizagem para que os alunos fiquem motivados para aprender. Utiliza sua própria capacidade criativa e, dessa forma, valoriza essa forma de pensamento e ação em seus alunos.

Ser criativo e estimular o potencial criativo de alunos em atividades motoras faz parte de um tipo de prática pedagógica que envolve mudanças. Mudança, transformação, sair da rotina são experiências que causam que assustam, causam estranheza e têm tendência a não serem aceitas de imediato<sup>5</sup>. No caso das atividades esportivas o comportamento criativo do educador pode ser expresso de diferentes formas: utilização de estratégias diferentes, materiais e manuseio alternativos, novas formas de relação com o grupo, movimentos e expressões corporais inusitados.

Entretanto, expressar a criatividade por meio da motricidade é um problema na maioria das vezes. A inibição na utilização do corpo como linguagem de expressão, que é imposta pela sociedade moderna, as formas de manifestação corporais estereotipadas pela mídia e o culto ao corpo perfeito acabam por intimidar capacidade criativa dos educadores e,

consequentemente, de alunos. Outra evidência na falta de utilização da criatividade no âmbito das práticas esportivas está atrelada ao fato de que os educadores estão presos a conteúdos específicos, calendários de competições e objetivos imediatos. A falta de tempo tem sido uma queixa constante para o enriquecimento da própria criatividade do educador e da oportunidade de desenvolver essa capacidade em seus alunos<sup>6</sup>. Se o foco de suas aulas estiver nos conteúdos, os alunos se tornam receptores passivos, meros reprodutores da técnica e desmotivados.

Um entrave para a prática do pensar e agir criativamente em atividades esportivas está no fato de que quando se oferece ao aluno oportunidade para ser criativo está se oferecendo também uma abertura para a expressão de sentimentos, emoções, atitudes que muitas vezes chocam outras pessoas.

A adoção de posturas criativas contribui para que ambientes de aprendizagem sejam mais atrativos e deve ser construída principalmente sobre três pilares: a heterogeneidade, as percepções que o aluno e o educador têm de si mesmos e o clima de sala de aula<sup>7</sup>.

### **1.3 Mediar, facilitar, contextualizar**

Tanto a comunicação como a criatividade estão vinculados à relação educador-aluno no processo ensino-aprendizagem. O papel do educador é facilitar, mediar e contextualizar os conteúdos e conhecimentos a serem aprendidos pelos alunos e as exigências e a realidade da vida em sociedade.

Propomos a ideia do educador facilitador, de Rogers, e do educador mediador, de Vygotsky, como referências na prática pedagógica que promove o desenvolvimento do aluno e a constituição de seu conhecimento. O comportamento de educador deve possibilitar ao aluno liberdade de expressão simbólica no pensar, sentir e agir para o jogo espontâneo de associar, dissociar, justapor e dar novos significados, o que é parte fundamental do processo de desenvolvimento<sup>8</sup>.

A sugestão rogeriana de aprendizagem significativa diz respeito às atitudes do educador, responsável por aproximar os alunos do conhecimento

de tal forma que este se torne significativo, pleno de sentido e útil na vida prática. Desta forma, o papel do educador facilitador será o de estimular e desenvolver as potencialidades do aluno e simultaneamente manter a motivação necessária ao seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

O educador mediador de Vygotsky entende que o desenvolvimento humano está atrelado a processos de aprendizagem de “fora para dentro”: os indivíduos reconstróem e reelaboram os significados que lhe são transmitidos pelo grupo social a que pertence (do nível interpessoal para o intrapessoal). Em interação com os alunos, o educador proporciona experiências que os levam a buscar novas formas de resolver problemas, combinar ideias e comunicar soluções. Além disso, Vygotsky entende que é por meio da linguagem que o aluno transforma o concreto em abstrato, e isso permite que ele possa formular representações desse real. A linguagem é constituída socialmente, por isso carrega tudo o que há de produção na sociedade.

## **2. O exercício da autoridade**

Talvez um dos maiores desafios do educador seja exercer sua autoridade diante de seus alunos. Isso porque é difícil não cair nos extremos: autoritarismo e permissividade. No primeiro caso, o educador é o dono da verdade e impõe regras e posturas aos alunos, que não tem voz nem oportunidade para entender as medidas. No outro caso, os alunos fazem o que querem, uma vez que o educador não é visto ou não se coloca como uma referência para o grupo.

Ser uma figura de autoridade representa o exercício do diálogo, da mediação e da criatividade. Pressupõe:

- relação de respeito: o educador respeita os alunos e outros parceiros do ambiente, entende suas demandas e os alunos, por sua vez, também respeitam o educador, confiam nele e escutam seus pareceres. O educador não impõe medo e não é soberano aos alunos;

– vínculo afetivo: o educador busca estabelecer laços com seus alunos, mostrando que se preocupa com eles. Olha para suas necessidades e as leva em consideração na mediação do processo. Mostra carinho e cuidado;

– coeducação: o educador se vê também como um aprendiz no processo, abrindo-se ao aprendizado que é proporcionado pela relação e pela experiência de seus alunos. Ainda assim, há uma aceitação das diferenças dos papéis entre ambos.

Tudo isso não significa que a figura de autoridade não coloca os limites quando necessário. Muito pelo contrário, os limites são reconhecidos e tem mais chance de serem respeitados quando esses pressupostos estão presentes. Vocês não concordam que os educandos costumam ouvir e respeitar mais os limites colocados por um educador que tem com eles uma relação de afeto, respeito e confiança?

E como estabelecer esses limites? Para que os limites fiquem claros, existem as regras, acordos elaborados pelos integrantes de um grupo, que beneficiam e devem ser respeitados por todos. Visam auxiliar na construção de um ambiente mais justo e feliz<sup>9</sup>. As regras podem ser negociáveis (os conhecidos combinados) ou não-negociáveis<sup>9</sup>. Depende dos princípios que a instituição julga como indispensáveis. Por exemplo, a segurança é um dos princípios mais comuns entre as instituições de prática esportiva. Desse princípio pode derivar uma regra, não negociável, como “é necessário retirar os acessórios – brinco, pulseira, corrente – para a prática esportiva”, uma vez que o uso desses acessórios pode causar ferimentos em quem usa e nos demais. O fato de não ser negociável não faz como que seja dispensável a sua explicação. As regras devem ser explicadas e mais que isso, entendidas por todos que devem cumpri-la. As regras negociáveis tem origem nas necessidades do grupo, devido a questões particulares e são construídas a partir de um consenso entre todos os elementos do grupo. A construção desses combinados é um interessante exercício de participação e corresponsabilidade dos alunos.

Estar apropriado das regras relacionadas a seu grupo é uma condição importante para que o educador medie as situações e intervenha quando necessário para garantir que sejam cumpridas. Esse processo deve visar a apropriação também por parte dos alunos, além de garantir seu pleno exercício da autoridade. Sem autoritarismo, nem permissividade. Com muito respeito e confiança.

### 3. Referências Bibliográficas

- (1) GICOREANO, J. P. **Uma caracterização do diálogo significativo na sala de aula**. 2008. 198 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- (2) HAYDT, R. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.
- (3) FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- (4) OLIVEIRA, Z.; ALENCAR, E. A criatividade faz a diferença na escola: o educador e o ambiente criativos. **Contrapontos**, vol. 8, n. 2, p. 295-306 - Itajaí, mai/ago 2008.
- (5) TIBEAU, C. Entraves para a compreensão da Criatividade no ensino e na formação do profissional de Educação Física. **Efdeportes, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 8, nº 51, agosto, 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd51/criativ.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- (6) TIBEAU, C. A criatividade como ferramenta para a formação do atleta crítico, autônomo e participativo. In: BRANDÃO, M.R. e MACHADO, A. **O treinador e a psicologia do esporte**. Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício, vol 4. S. Paulo: Atheneu, 2009.
- (8) TIBEAU, C. **Didática com criatividade – uma abordagem na Educação Física**. São Paulo: Ícone, 2011.
- (9) VINHA, T. P. Observações sobre as normas na escola. **Revista Linha Direta**. Belo Horizonte, ano 3, nº 26, p. 16-20, maio, 2000.